

**“UM MODO SINGULAR DE SER OCIDENTAL”
REFLEXÕES SOBRE A IDENTIDADE LATINO-AMERICANA
A PARTIR DO PENSAMENTO DE
MANOEL BOMFIM E DE OCTAVIO PAZ¹²**

*"A singular way to be western" Reflections on Latin American identity from the
thoughts of Manoel Bomfim and Octavio Paz*

ALBUQUERQUE, Mariana Cavalcanti³

Resumo: Neste artigo analisamos a identidade latino-americana, através dos ensaios-sociais *América Latina: males de origem* (1905), de Manoel Bomfim, e *O labirinto da solidão* (1950), de Octavio Paz. Destacamos a noção de “um modo singular de ser ocidental” como mote para a abordagem da referida identidade, considerando três aspectos vistos como “marcas simbólicas”⁴: a herança colonial, a mestiçagem e o suposto sentimento de inferioridade. As obras puderam ser analisadas com base na abordagem temática, por permitir cruzar mais livremente diversas perspectivas, intérpretes e contextos, que dialogam entre si. Assumimos como pressuposto a leitura decolonial⁵, que tem evidenciado a necessidade de revisão sobre os significados subjacentes noção de América Latina, segundo o argumento que a lógica da colonialidade é parte constitutiva da modernidade. Assim, propusemos o conceito de “identidade subjugada” para enfatizar os aspectos ligados às narrativas identitárias sobredeterminada pela “lógica colonial”⁶.

Palavras-chave: Identidade Latino-Americana. Teoria Decolonial. Manoel Bomfim. Octavio Paz.

¹ O presente artigo é uma parte da discussão trazida na minha dissertação de mestrado em Sociologia, cujo título é “Identidade latino-americana nas concepções de Manoel Bomfim e Octavio Paz: uma análise a luz do pensamento decolonial”. Aprovada pela banca examinadora no dia 15/09/2017, pela Universidade Federal de Pernambuco.

² Recebido em: 11 Abr. 2019. Aprovado em: 20 Mai. 2019.

³ Doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: calb.mariana@gmail.com.

⁴ Expressão usada por Stuart Hall (2015).

⁵ Existe uma discussão sobre o uso do termo “decolonial” ou “descolonial”. Nesse sentido, Martins (2014) observou que alguns autores como Dipesh Chakrabarty et al., (2007, p3) consideram o termo decolonial ambíguo, pois, para eles far-se-ia necessário uma libertação completa do colonialismo, preferindo adotar o termo de *hybridizingencounter*. Para Alain Caillé (2010), segundo informou Martins (*ibid.*), esse tipo de crítica estabelece um entrave para a possibilidade de reconciliação. Dito isso, Martins (*ibid.*) defendeu a crítica e afirmou no seguinte sentido: “O desafio central não é romper com a sociologia moderna, mas libertar o que foi reprimido pela colonização. Parece justo dizer que o pensamento decolonial é a tarefa de desconstrução do poder e do conhecimento, seguido da reconstrução e/ou do surgimento de outras formas de poder e conhecimento” (*ibid.*, p.23, nota de rodapé n.2). No presente trabalho optamos pelo uso do termo “decolonial” em referência a leitura de alguns autores desse campo teórico, como Walter Mignolo, Arturo Escobar, Aníbal Quijano, dentre outros, que pudemos perceber utilizando com maior recorrência a versão do termo com a supressão do “s”, mas não adentramos ao campo da discussão existente sobre o uso do termo mais apropriado para referir-se a crítica de caráter desconstrucionista, da qual enfatizou Martins (*ibid.*).

⁶ Expressão usada por Walter Mignolo (2005).

Abstract: In this article we analyze the Latin American identity, through the social essays *América Latina: males de origem* (1905), of Manoel Bomfim, and *O labirinto da Solidão* (1950), of Octavio Paz. We emphasize the notion of "a singular way of to be Western" as a motto for the approach of said identity, considering three aspects seen as "symbolic marks": the colonial heritage, the miscegenation and the supposed feeling of inferiority. The works could be analyzed based on the thematic approach, allowing to cross more freely diverse perspectives, interpreters and contexts, that dialogue among themselves. We assume as a presupposition the decolonial reading, which has evidenced the need to revise the underlying meanings of Latin America, according to the argument that the logic of coloniality is a constituent part of modernity. Thus, we have proposed the concept of "subjugated identity" to emphasize aspects related to identity narratives overdetermined by "colonial logic".

Key words: Latin American Identity. Decolonial Theory. Manoel Bomfim. Octavio Paz.

1. Introdução

A diversidade de interpretações sobre o “ser latino-americano”, elaborada por vários intelectuais ao longo do tempo, nos dá uma gama de possibilidades de escolhas sobre qual se debruçar, de modo que, o nosso objetivo de abordar tal temática a partir de duas obras é uma opção de arranjo dentre outras, o que, no entanto, não diminui a sua relevância para responder questões relativas às sociedades latino-americanas e dar continuidade ao debate.

Assim, a análise comparativa entre os ensaios-sociais *América Latina: males de origem* (1905), do brasileiro Manoel Bomfim, e *O labirinto da solidão* (1950), do mexicano Octavio Paz, foi pensada a partir de três categorias analíticas: a herança colonial, a mestiçagem e o suposto sentimento de inferioridade, as quais estão interconectadas entre si, a partir do fio condutor estabelecido pelo ideologema “um modo singular de ser ocidental”.

Além do mais, usamos como lente analítica a teoria decolonial, visto que ela põe em evidência a necessidade de revisão sobre os significados subjacentes a noção de América Latina, no que ficou conhecido como o “giro decolonial”, cuja proposta abarca outros paradigmas constituídos no extremo da *diferença colonial*. Trata-se de uma análise que vai mais além da perspectiva da modernidade, pois subverte os parâmetros impostos pela *geopolítica do conhecimento*, que ocultou outros relatos e cosmovisões acerca da experiência da

modernidade/colonialidade. Tal argumento visa demonstrar que a colonialidade é parte constitutiva da modernidade (Mignolo, 2015; Ballestrin, 2013).

Dessa perspectiva se faz ainda mais relevante recorrer a estudos que foram e estão sendo feitos dentro do lócus periférico. Ou seja, autores de origem e pensando acerca da América Latina. Visto por esse ângulo, as obras estudadas propuseram narrativas, que parte de um lugar de enunciação correspondente ao Brasil (Manoel Bomfim) e ao México (Octavio Paz) e, dessa forma, articula o local e o global para falar da experiência do “ser latino-americano” em suas dimensões econômica, social, política e cultural no processo de formação dessas sociedades.

Nesse ensejo, salientamos que a construção de uma noção de identidade nacional e continental consiste em uma série de fatores que são postos em relevo com vista a definir um grupo pertencente a uma região, etnia, comunidade linguística etc., frente a um “outro”, com o qual se distingue. Contudo, a relação entre as identidades não são definições estáticas, elas se relacionam de forma complexa e dinâmica, a partir das ações dos próprios sujeitos sociais, que podem romper ou renovar essas identidades.

Mas, para os fins dessa pesquisa, a intenção é enfatizar como a identidade posiciona os indivíduos em um “lugar”, e que no caso latino-americano, esse “lugar” é visto como “marginal”. Ou seja, identidade é uma classificação, a partir de uma ótica valorativa. Desse modo, nos valem da categoria de identidade latino-americana como um norte para discutir a noção de “identidade subjugada”, tanto a nível comparativo com as outras identidades ocidentais (representadas pelas nações centrais), quanto no interior da sua própria representação (através daquelas que seriam as suas “marcas simbólicas”). Entretanto, não queremos negar o dinamismo das representações que dão significado as identidades, mas salientar que a mesma não é uma atribuição simplesmente de livre escolha para o indivíduo.

Em vista disso, nossa definição para “identidade subjugada” buscou enfatizar os aspectos ligados às narrativas identitárias sobredeterminada pela “lógica colonial”, de modo a criar os padrões classificatórios em termos de superioridade e inferioridade como marcas identitárias. Argumentamos que os efeitos dessas construções, representativas das identidades, repercutem tanto em níveis políticos, quanto na própria formação da subjetividade dos sujeitos sociais,

de maneira que o espaço geográfico é vinculado à valores, definindo, basicamente, aqueles que representam “modelos” societários em detrimento de outros vistos como “marginais”.

Estamos falando de *geopolítica do conhecimento*, um argumento central na teoria decolonial. De acordo com Dussel (2005), não é o mesmo nascer no Polo Norte ou em Chiapas que em Nova York, ou seja, é preciso considerar as estruturas de poder que estão na base da formatação do que concebemos como espaço, nação etc. Para ele, há muito tempo, um muro simbólico começou a ser levantado e que separa o norte desenvolvido do sul empobrecido. Desse modo, sugerimos o conceito de “identidade subjugada”, como meio de compreender os processos subjetivos, sociais e históricos, que estão na base das políticas de exclusão, que tanto afetam o contexto latino-americano, na raiz de sua formação.

2. Diálogos possíveis sobre a identidade latino-americana

Entre Manoel Bomfim e Octavio Paz existe algo essencialmente em comum: o fato de terem sido pensadores “rebeldes⁷” diante das problemáticas de suas épocas. Não somente refletiram criticamente os problemas de seus tempos, como criaram novas perspectivas, ao pôr em causa algumas questões e interpretá-las sobre outros pontos de vista, inovando a forma de entendimento sobre a compreensão do ser humano e da sociedade. Ou seja, existem aqueles pensadores que tomam uma posição “rebelde” sobre a ordem do que está estabelecido. Nesse sentido, passasse-se a impressão de que foram pensadores à frente de seu tempo, mas, na verdade, foram mentes atuantes que contribuíram para a transformação de questões antes obscurecidas.

Manoel Bomfim escreveu sua obra *América Latina: males de origem*, de cunho histórico-social, no ano de 1903, quando se encontrava em Paris estudando psicologia na Sorbonne. O ambiente estrangeiro aguçou sua preocupação em relação à opinião existente sobre o atraso social, cultural e político das nações do

⁷ Expressão de Aguiar (1999) para se referir a Manoel Bomfim. Este é um termo que tem sido usado na literatura para demarcar os pensadores sociais que conseguiram romper com as ideias ou os paradigmas dominantes.

subcontinente latino-americano (Candido, 1990).

O autor inicia seu livro com uma advertência, na qual ele explica as motivações pessoais que o levaram a escrever este livro. Nesse sentido, argumenta sobre a legitimidade do sentimento que instiga o interesse por conhecer e refletir sobre a própria história. Então, levanta um questionamento persuasivo:

Este livro formou-se espontaneamente. Pois não é um sentimento natural, doce e confortante, esse amor ao solo natal, às paisagens que nos revelaram a natureza, às coisas que nos ensinaram a vida?... (Bomfim, 2005, p.35).

Continua sua reflexão afirmando que é o próprio sentido de humanidade que inspira as ideias sobre as organizações humanas e a nossa solidariedade. Ainda assim, o autor ressalva que quando se trata da possibilidade de intervenção no meio social, é forçoso que se aplique a sociedade da qual pertencemos. É a partir disso que Manoel Bomfim define a sua compreensão de patriotismo:

[...] tal sentimento é nobre e digno, desde que não pretenda manter domínios. É nobre e humano, desde que, pugnando por interesses e necessidades de um povo, não busque resolvê-los em oposição aos interesses gerais da espécie, desde que, nos choques provocados pelos egoísmos em fúria, cada patriota se limite a defender seu ideal, a repelir as agressões injustas, e a rebater as explorações e privilégios; a lutar pelo *progresso moral da nacionalidade*, e a anular as influências contrárias a esse progresso. *É esse o meio de trabalhar eficazmente pela civilização e pelo bem geral*⁸ (Ibid., p. 36).

Desse modo, o autor concebe a ideia de pátria como sendo um sentimento e um fato, mas distante de qualquer pensamento exclusivista ou atitudes e preocupações agressivas, pois a sua reflexão teórica repousa sobre sua cultura humanista. Esse livro foi uma resposta a dois contextos, a Europa e o Brasil, em referência ao discurso dominante no meio intelectual, o qual estabelecia uma imagem depreciativa e condenatória sobre a realidade social latino-americana. A sua análise foi contrária as interpretações vigentes, e propôs um reposicionamento daquelas questões e estabeleceu uma nova forma de interpretá-las.

Na imprensa europeia aparecia uma mesma opinião condenatória e invariável sobre as razões do atraso do continente latino-americano, acusando ser devido aos “famosos axiomas: o mal vem da instabilidade dos governos, das revoluções freqüentes, da irregularidade do câmbio, do papel-moeda

⁸ O grifo não é do original.

inconvertível, da falta de braços...” (Ibid., p.54). Para Manoel Bomfim, essas interpretações são o efeito, e não a causa e, portanto, argumentou sobre a necessidade de compreensão dos fenômenos sociais a partir de um sistema de leis gerais, que permitem tratar a temática das nacionalidades levando-se em conta a herança histórica, a qual está na base do processo de formação das sociedades.

Desse modo, Manoel Bomfim não somente questionou os axiomas condenatórios da época, como demonstrou ser esta uma interpretação inválida, pois, fundamentavam-se em razões dos próprios interesses dominadores das grandes “nações colonizadoras”, que não deixaram de mirar as riquezas existentes no continente sul-americano, além da própria ignorância predominante que havia sobre esses povos.

A herança colonial é um ponto de partida para entender a formação das sociedades latino-americanas e buscar as causas explicativas do seu atraso, pois, as condições e as formas pelas quais essas sociedades se originaram, inscrevem um sentido de hereditariedade, que ajudam a entender a realidade do presente. Nesse sentido, Manoel Bomfim desenvolveu uma análise sobre as nacionalidades ibéricas, que se centra no conceito de *parasitismo social*, o qual ajuda a compreender a natureza do Estado brasileiro, e também o processo de inferiorização que interferiu prejudicialmente sobre o autoconhecimento dos povos dessa região.

Sendo assim, o autor explica o atraso das nações latino-americanas, a partir do conceito metafórico de *parasitismo social*, termo emprestado da biologia, que significa uma relação fundamentada entre dois polos, o parasitado, sendo aquele que produz, e o outro, o parasita, que usufrui da força de trabalho do primeiro sem nada construir em troca. Essa relação gera um ciclo de decadência e “degeneração” da sociedade, pois esgota os recursos humanos e naturais de uma região regida por essa lógica. A luta entre o parasita e o parasitado ajuda a explicar o processo histórico, mas, predomina o sentido de conservação e degeneração dessa relação, dificultando as possibilidades de transformação da ordem social.

Em outras palavras, apesar de buscar conceitos próprios da biologia como recurso para a análise sociológica, o autor não deixou de salientar que a ordem social não está condenada ao determinismo das funções como acontece com o

organismo biológico. Ainda assim, o regime do *parasitismo social* estabelece uma relação de antinomia por excelência, gerando uma organização social baseada nos extremos, entre dominantes e dominados, de tal modo que a liberdade - a qual é vista pelo autor como sendo o pressuposto do dinamismo das relações sociais e históricas - é contida por essa lógica, gerando um processo de estagnação e degeneração.

Observa que tal lógica gera a decadência da moralidade e atinge aos dois polos, de diferentes maneiras, mas que resulta no comprometimento da evolução progressiva, acentuando o caráter de conservação. É preciso dizer que a sua compreensão de progresso contém um sentido humanitário, compreendido pelo nível de desenvolvimento dos laços de solidariedade e fraternidade, que permitam florescer “os sentimentos altruísticos, de justiça e equidade, de cordialidade e amor [...]” (*Ibid.*, p.67).

Segundo Manoel Bomfim, a nação espanhola foi constituída no final do século XV, já apresentando as seguintes características:

[...] *nação moderna*, livre, organizada, vitoriosa e a custa de seus próprios esforços. Esse trabalho íntimo da organização fora prodigioso, único talvez, do que se conhece na história dos povos. Daqueles aluviões sucessivos de gentes - fenícios, celtas, cartagineses, romanos, godos, servos, alanos, mouros, árabes... ela fizera uma *nacionalidade única, perfeitamente caracterizada, homogênea e forte*⁹(*Ibid.*, p. 80).

A formação da nacionalidade ibérica esteve marcada por conflitos entre vários povos, o que resultou na constituição de um caráter guerreiro e de tendência depredadoras, além do valor dado a conquista.

Ao analisar a história da expansão portuguesa e espanhola, o autor acentuou o desenvolvimento e a realização do pensamento ibérico, a partir do ideal depredador, absorvente e exclusivista. Dessa perspectiva, Manoel Bomfim (2005, p.93) fez a seguinte referência acerca de Portugal: “descobre uma mina: é o comércio dos negros da África”. É possível perceber a ironia dessa afirmação, imprimindo um sentido de denúncia ao regime escravocrata iniciado e inventado

⁹ O grifo não é do original. É interessante observar que para Manoel Bomfim a primeira nação formada com as características modernas foi no século XV, a Espanha. O que configura numa interpretação diferente da análise histórica proposta por Benedict Anderson (2015) em seu livro *Comunidades Imaginadas*, considerado um clássico sobre a temática do nacionalismo.

pelas “nações colonizadoras”, o qual teve por objetivo espúrio a exploração do trabalho negro com vistas ao enriquecimento próprio. Ele observa que faz parte da *lógica parasitária* a repugnância ao trabalho, por isso, a ganância pela apropriação do trabalho e da produção alheia.

Os termos que o autor utilizou para descrever o caráter de conquista das nações colonizadoras são: a rapina, a pirataria e o *parasitismo depredador*. O autor descreveu também algumas experiências da colonização em nações como o México, o Peru e o Brasil, dentre outras. O importante é destacar que após os processos de conquista deu-se a passagem a uma espécie de “sedentarismo”, próprio do ciclo de exploração gerado pelo *regime parasitário*; não se esquecendo de que a sua ação depredadora é investida, constantemente, na escravização dos negros e índios. “Em suma: a vítima das vítimas é o escravo e este é único que não tem voz, nem para queixar-se” (*Ibid.*, p.131).

O *regime parasitário* esteve incorporado nas instituições do Estado e da Igreja; em referência a esta última, o autor afirmou que a Igreja agiu sobre a escravização dos espíritos assegurando a obediência das populações, impedindo a tentativa de reforma e progresso social.

Mesmo após os movimentos emancipatórios, as novas nacionalidades conservaramos vícios do *regime parasitário*, que foi imposto pelas nações ibéricas. O autor, assim descreveu:

Essas qualidades traduzem a influência natural do parasita sobre o parasitado, influência constante, fatal mesmo, nos casos de parasitismo social, máxime quando o parasitado procede diretamente do parasita, quando é gerado e educado por ele. (*Ibid.*, p.135).

Manoel Bomfim descreveu a manifestação de três ordens gerais dos efeitos do parasitismo sobre as novas nacionalidades: a primeira caracterizou-se pelo enfraquecimento do parasitado, a segunda enfatizou as violências que foram exercidas sobre ele, com o objetivo de garantir os serviços ao parasita, e, por ultimo, a “adaptação” do parasitado às condições de vida que lhes foram impostas. As consequências desse processo manifestaram-se na vida coletiva em quatro aspectos: o econômico, o político, o social e o moral. Então, ainda que as nações na América Latina tenham se tornado politicamente independentes continuam a amargar uma realidade marcada pela desigualdade social e pela pobreza,

consequentes desse processo.

Dessa forma o autor ressaltou, por um lado, o processo histórico da colonização, que gerou a espoliação das riquezas do subcontinente latino-americano, e de outro lado analisou as consequências da herança colonial, conservada a partir dos processos de hereditariedade, educação e imitação, que permitiram a reprodução dos “defeitos de caráter” recebidos das metrópoles.

Dentre as instituições sociais, o autor compreende que o Estado é o aparelho social mais bem especializado, construído na América Latina para resistir ao progresso: “O Estado é, ainda hoje, nos países da América Latina, o que era nos tempos coloniais, salvo as modificações de forma, inerente aos novos regimes políticos” (*Ibid.*, p.209). Nesse contexto, o Estado é visto como um corpo alheio à nacionalidade, contrariando aquela que deveria ser a sua real função, ou seja, de refletir e agir de acordo com os verdadeiros interesses nacionais; os quais, Manoel Bomfim definiu como sendo correspondentes aos interesses comuns das sociedades, ao bem-estar das populações.

A noção de inferioridade apareceu na obra de Manoel Bomfim como uma crítica à opinião europeia existente na época, a qual classificava o povo latino-americano como sendo formado por “gente selvagem e inferiores” e, por isso, não seria capaz de autogovernar-se e autodefinir-se enquanto povos soberanos (Bomfim, 2005; Aguiar, 2000). Sendo assim, o pensamento dominante atribuía ao povo latino-americano a causa que impedia o progresso da região. Contrário à essa visão, ele sustentou que era devido ao *parasitismo social* a situação de inferioridade, vivida por esses povos, produto da dominação imposta pela *classe parasitária* no seu exercício de exploração da *classe parasitada*.

Em suma, a condição de inferioridade é explicada pelos processos de opressão gerados internamente e externamente. No interior dessas sociedades, o Estado tem servido aos interesses de uma elite dominante, e no contexto das relações internacionais, a soberania das nações latino-americanas via-se constantemente ameaçada pela ação do protetorado dos Estados Unidos.

É interessante pontuar o *insight* de Manoel Bomfim, naquela época, em relação ao que os intelectuais brasileiros vinham diagnosticando a respeito dos problemas do Brasil. É possível dar-se conta de que, para o autor, o *conservantismo*

não se limitava apenas às estruturas, mas se estendia para a forma de pensar dos intelectuais e governantes; visto que eles se limitavam a reproduzir, aqui, as fórmulas e diagnósticos proferidos no exterior.

Ele defendeu que somente através da educação massiva que seria possível progredir e garantir a efetividade da democracia e o alcance da felicidade. Os valores a serem perseguidos são: a educação, a democracia e o progresso; vale salientar que esses são os aportes estruturais da noção de modernidade. Para ele, os princípios de liberdade e prosperidade eram, contudo, seletivos, pois deixava a maioria populacional, composta de ex-escravos e seus descendentes, mestiços e indígenas, relegada à própria sorte.

Dito isso, questionamos o conteúdo ambivalente do discurso da modernidade quando o seu lócus de enunciação (região e raça) é descolado para o contexto nascido da *diferença colonial*. Isto é, como as sociedades que carregam consigo a *ferida colonial*¹⁰ procuram definir o seu lugar? Sobre isso, Manoel Bomfim, de alguma maneira, questionou os discursos dominantes que atestavam a inferiorização do povo latino-americano como sendo de ordem natural, interferindo prejudicialmente nas suas possibilidades de conhecimento sobre si mesmos e a suas realidades de vida, sendo essa a condição necessária para o exercício da autonomia e soberania de um povo, que poderia agir diretamente sobre os problemas sociais com vista à superação destes e, assim, promovendo a justiça e a equidade social.

Manoel Bomfim (2005, p.266) explicitou em seu texto as torturas realizadas pelos brancos contra os índios e os negros, forçados a trabalhar para o enriquecimento dos colonos. Ele escreveu com tom sarcástico e de pesar: “são cruéis os índios”?!... ainda que eles o quisessem, não chegariam nunca às sublimidades de crueldade com que os brancos – as gentes da Europa civilizada – têm horrorizado o mundo”.

O autor elaborou uma crítica direta à sociologia de Oliveira Martins, que condenava os indígenas ao extermínio, reproduzindo a crença externa de que os índios são cruéis e pérfidos, além de serem inferiores; e questionou com indignação “... Inferiores a quem? Aos portugueses?!...” (*Ibid.*, p.266). Desse modo,

¹⁰ Expressão usada por Walter Mignolo (2005).

denunciou a teoria das raças inferiores como sendo uma “etnologia privativa das grandes nações salteadoras”, “um sofisma abjeto do egoísmo humano, hipocritamente mascarado de ciência barata, e covardemente aplicado à exploração dos fracos pelos fortes” (*Ibid.*, p.268).

A análise de Manoel Bomfim buscou referenciar as verdadeiras razões que explicam o atraso e o abandono dos povos latino-americanos, preocupou-se em invalidar as sentenças condenatórias. Observou que a inferioridade do povo latino-americano é identificada na medida em que:

[...] participando diretamente da civilização ocidental, pertencendo a ela, relacionados diretamente, intimamente a todos os outros povos cultos, e sendo ao mesmo tempo dos mais atrasados, e, por conseguinte dos mais fracos, somos forçosamente infelizes. Sofremos todos os males, desvantagens e ônus fatais às sociedades cultas, sem fruirmos quase nenhum dos benefícios com que o progresso tem suavizado a vida humana (*Ibid.*, p.53).

Ou seja, o autor percebeu que foi o parâmetro externo, definido pelas sociedades “cultas” e ocidentais, que reservou o lugar de inferioridade para as nações latino-americanas, vistas como indignas para participarem dos benefícios e frutos gerados pelo progresso.

Em suma, foi em razão da mestiçagem e da presença dos povos indígenas e negros, característico da formação dos povos latino-americanos, que, naquela época, se condenou a realidade desses países à uma condição coadjuvante na história. É preciso lembrar que Manoel Bomfim foi contemporâneo de um momento histórico em que as nacionalidades da América Latina precisavam ainda reafirmar o seu status de soberania. Desse modo, a concepção de identidade latino-americana de Manoel Bomfim é pensada a partir de uma análise propriamente histórico-social, abrindo caminho para a possibilidade de autoconhecimento e autoafirmação identitária sobre outras bases, contrárias aos parâmetros externos usados como justificativa de essencialização de uma identidade sobre bases subjugadas para definir os povos da região.

Manoel Bomfim ao negar a interpretação sobre a desigualdade das raças, dominante à época, e explicar a realidade desfavorável dessas nações como produto de uma construção histórica e social, advindas do sistema colonial, possibilitou uma compreensão da experiência latino-americana como parte de uma lógica sobredeterminada pela relação entre dominantes e dominados. Dessa

forma, o autor elaborou um pensamento que aponta para as possibilidades de transformação social, afirmando que todos os povos têm o direito de ser sujeitos de seus próprios destinos.

Em outras palavras, o autor se opôs à acepção dos discursos de caráter valorativo e depreciativo existentes naquela época, que condenavam os povos latino-americanos em razão da sua composição étnica. Manoel Bomfim denunciou o pensamento intelectual a serviço do projeto de dominação, que contribuía para a degeneração e a reprodução de injustiças nas sociedades da América Latina. O autor foi pioneiro em analisar criticamente a formação histórica dessas regiões, atentando para o aspecto da herança colonial, e, então, propôs uma interpretação que valoriza o potencial do povo latino-americano. Diz ela que é através da educação e da liberdade que se poderá, enfim, progredir a uma condição melhor de vida. Em suma, viu na educação ampla, massiva e pública, as bases de uma alternativa histórica àquele processo originário de dominação.

Quarenta e cinco anos depois da publicação de *América Latina: males de origem* (1905), outro importante ensaio-social foi lançado: *O Labirinto da solidão* (1950), do mexicano Octavio Paz – sendo essa uma obra consagrada internacionalmente. Muitas das reflexões que fazem parte dessa obra surgiram quando o autor se encontrava nos Estados Unidos. O autor abordou conteúdos múltiplos acerca do povo mexicano: a mexicanidade e sua identidade latino-americana, além de pontuar considerações sobre a modernidade e a sua preocupação quanto ao destino dos humanos. É importante frisar que o livro, segundo o próprio autor, tem o propósito de autoconhecimento, mas que para tal é preciso fazer uma reflexão sobre a história de sua sociedade (Rezende, 2000; Paz, 2014).

A obra de Octavio Paz se destaca não apenas pela originalidade do seu pensamento, como também pela forma estética. Lança mão do uso de uma estrutura linguística que utiliza pares opostos, aparentemente inconciliáveis, tais como: vida e morte, solidão e comunhão, singularidade e universalidade, permanência e mudança. Isto para falar sobre uma possível identidade mexicana e latino-americana, que é descrita como uma busca constante e “labiríntica” (Rezende, 2000; Paz, 2014).

Desse modo, observa-se a forte influência de Nietzsche e de seu conceito do *eterno-retorno*, que expressa o aspecto da vida e do tempo, em que o passado, o presente e o futuro se confundem movido pela tensão e combinação de sentidos aparentemente opostos, mas que na verdade são complementares, pois um só existe e se afirma pela negação do outro¹¹ (Rezende, 2000).

O próprio título da obra pode ser visto como elucidativo para a forma como Octavio Paz elaborou a sua argumentação, tendo em vista que “labirinto” remete a ideia de caminhos múltiplos, de difíceis saídas, de possíveis retornos, de perda e reencontro. Essa imagem traduz o fundo psicanalítico de sua análise sobre o “ser mexicano”, a forma singular de se inscrever no mundo e o sentimento de solidão e desamparo, que surge na consciência de si mesmo ao se interrogar sobre a própria existência. A imagem da solidão é apresentada como característica singular da mexicanidade, além disso, é também vista pelo autor como um sentimento universal, da cultura moderna – a busca por “transcender esse sentimento” traduz a experiência da modernidade (Rezende, 2000; Paz, 2014).

A figura do *pachuco* é emblemática para falar desse tópico. Trata-se de grupos de jovens, normalmente mexicanos, que vivem em bandos nas cidades do Sul dos Estados Unidos e que se distinguem e chamam atenção pelo tipo de vestimenta que usam e, também, pela forma como falam e se comportam socialmente. O *pachuco* se caracteriza pela sua ambiguidade, quer se distinguir do “outro” – a sociedade que não o assimila –, ao mesmo tempo em que não sabe o que se é e nem pretende voltar às suas origens, é a imagem extrema da mexicanidade (Rezende, 2000; Paz, 2014). O *pachuco* invoca a imagem da condição diaspórica, na qual o confronto com o “outro” é interpelado pelo saber-se

¹¹ É explicativa a passagem do texto em que Octavio Paz analisa a relação entre a vida e a morte para discorrer sobre o advento do catolicismo no México, e como a ideia de sacrifício e salvação sai da dimensão coletiva e impessoal – tal como era concebida pelos astecas – para tornar-se pessoal: “Essas duas atitudes, por mais opostas que pareçam, têm um ponto comum – a vida, coletiva ou individual, está aberta para à perspectiva de uma morte que, à sua maneira, é uma nova vida. A vida só se justifica e se transcende quando se realiza na morte. E esta também é transcendência, também é além, já que consiste numa nova vida. Para os cristãos, a morte é uma passagem, um salto mortal entre duas vidas, a temporal e a extraterrena; para os astecas, a maneira mais profunda de participar da regeneração das forças criadoras, sempre em perigo de desaparecer se não lhes oferecerem sangue, o alimento sagrado. Em ambos os sistemas, vida e morte não têm independência; são as duas faces de uma mesma realidade. Tudo o que elas significam decorre de outros valores, que a regem. São referências a realidades invisíveis” (Paz, 2014, p.57).

“diferente”. Há um sentido de *orfandade* atrelado à ideia de solidão do mexicano. Octavio Paz (2014) observa que “os povos em processo de crescimento. [...] Seu ser manifesta como interrogação: o que somos e como realizaremos o que somos?” (p.13). A reflexão sobre a singularidade de seu país é percebida, pelo autor, a partir da capacidade criativa. Ou seja, entende que “uma obra de arte ou uma ação concreta definem mais o mexicano – não só na medida em que o expressam, mas também porque ao expressá-lo, o recriam – que a mais penetrante das descrições” (p.14). Desse modo, a sua percepção sobre o caráter nacional é mutável, resultante do próprio processo de reflexão e criação. Afirma que o México é marcado por contradições aparentes, pela diversidade de raças e línguas, além da superposição dos vários níveis históricos. “As épocas velhas nunca desaparecem por completo e de todas as feridas, mesmo das mais antigas, ainda escorre sangue” (p.15).

O autor cita o filósofo mexicano Samuel Ramos, que alegou sobre o sentimento de inferioridade existente entre o povo mexicano (e latino-americano) como fator de influência na predisposição dos intelectuais à análise e não a criações, devido a uma desconfiança sobre a própria capacidade. Nesse sentido, contrapõe o suposto sentimento de inferioridade ao da solidão, da seguinte maneira:

Mais vasta e profunda que o sentimento de inferioridade, porém, é a solidão. As duas atitudes não podem ser identificadas: sentir-se só não é sentir-se inferior, mas diferente. O sentimento de solidão, por outro lado, não é uma ilusão – como às vezes o de inferioridade –, mas expressão de um fato real: somos, de fato, diferentes. E, de fato, estamos sozinhos (*Ibid.*, p.21).

Esse sentimento de solidão é fruto da imposição das formas, que, no México, se manifestam ao longo da história, inclinando-se para a reprodução de fórmulas sociais, as quais estão vazias de conteúdo e apenas imprimem formas sobre a moral, a burocracia, e também nas artes. Isso explica as deturpações, a mentira, e o processo de conservação e reprodução de sistemas políticos que criam máscaras, oprimindo e mutilando as possibilidades de expressão do “ser mexicano” – que acabam fechando-se em si mesmos.

Às vezes as formas nos sufocam. No século passado, os liberais tentaram inutilmente submeter a realidade do país à camisa de força da Constituição de 1857. Os resultados foram a ditadura de Porfirio Díaz e a Revolução de 1910. Em certo sentido, a história do México, assim como a de cada mexicano, consiste numa luta entre

as formas e as fórmulas em que se pretende encarcerar nosso ser e as explosões com que se vingam nossa espontaneidade (*Ibid.*, p.30).

Dessa forma, é preciso considerar alguns termos históricos da formação da sociedade mexicana. Segundo Octavio Paz, a História da Independência do México até a Revolução (1910) demonstra um processo de adequação na crença no sentido de linearidade da evolução histórica ocidental, reproduzindo formas e modelos dos países desenvolvidos. Tal situação revela a ambiguidade contida na busca pela afirmação do Estado nacional e a manutenção de conservadorismos em prol dos interesses das elites crioulas.

Para o autor, reduzir o caráter do povo mexicano como resultado do processo histórico da formação do México como nação é um defeito de interpretação. Pois argumenta que “os fatos históricos não são meros fatos, porque estão tingidos de humanidade, isto é, de problematidade” (Paz, 2014, p.73). Octavio Paz destacou três acontecimentos históricos, que ajudam na compreensão sobre a “origem do ser mexicano”: a Conquista, a Colônia e a Independência. Tais fatos históricos surgem como “realidades fantasmagóricas”, não apenas como registro de experiências da vida histórica, mas como a projeção de representações que estão presentes no imaginário da figura do mexicano. (Paz, 2014; Mbembe, 2004). Nas palavras do autor:

São fantasmas e vestígios intocáveis e invencíveis, já que não estão fora de nós, mas em nós mesmos. Na luta que nossa vontade de ser trava com eles, eles contam com um aliado secreto e poderoso: nosso medo de ser. Porque tudo o que o mexicano atual é, como se viu, pode ser reduzido a isto: o mexicano não quer ou não se atreve a ser ele mesmo (Paz, 2014, p.75).

Ainda sobre o assunto, Paz tratou da relação entre história e memória da seguinte maneira:

Em suma, a memória poderá esclarecer a origem de muitos dos nossos fantasmas, mas não os dissipará. Somente nós podemos confrontar-nos com eles. Em outras palavras: a história nos ajuda a entender certos aspectos do nosso caráter, desde que sejamos capazes de isolá-los e denunciá-los previamente. Só nós podemos responder as perguntas da realidade e do nosso próprio ser (*Ibid.*, p.74).

A noção de mexicanidade é vista pelo autor não como sendo a expressão do “ser mexicano”, mas como resultado da:

[...] oscilação entre vários projetos universais, sucessivamente

transplantados ou impostos e atualmente todos inúteis. A mexicanidade seria, então, uma maneira de não ser a si mesmo, é uma repetitiva maneira de ser e viver outra coisa (*Ibid*, p. 162).

Aqui, Octavio Paz referiu-se ao pensamento do historiador Leopoldo Zea – que afirmava que a América é entendida como um monólogo da Europa e, posteriormente, assumiria a forma de um diálogo – no sentido de reforçar a “alienação americana”, que reporta ao fato de não sermos nós mesmos e sermos pensados pelos outros. Assim diz em referência ao historiador:

[...] a América foi um monólogo da Europa, uma das formas históricas em que a Europa encarnou seu pensamento; hoje esse monólogo tende a virar diálogo. Um diálogo que não propriamente intelectual, mas social, político e vital (*Ibid.*, p.163).

Octavio Paz reforçou o argumento de Leopoldo Zea a respeito do lugar periférico que América Latina sempre ocupou historicamente. Contudo, observou que nos últimos tempos os países que ocupam o centro da sociedade moderna têm sofrido um processo de desagregação, resultando com que “todos nos tornamos seres periféricos, até os europeus e os norte-americanos. Estamos todos à margem porque não há mais centro” (*Ibid.*, p. 163).

É interessante observar que, nesse contexto histórico, marcado por guerras e conflitos de alcance mundial, o sentimento de solidão e a alienação, que caracterizam o caráter do mexicano, servem como referência universal para a compreensão da condição humana na modernidade. São os opostos que se tornam termos equivalentes.

Em relação à questão da mestiçagem em Octavio Paz, é preciso considerar dois aspectos: o da origem e do sentimento de orfandade. O mito em torno da história da entrega da índia Malinche ao colonizador Cortés sugere a imagem ambígua que se projeta no “ser mexicano”. Os mexicanos seriam filhos da “traição de Malinche”, em tal atribuição surge a noção de que os mexicanos seriam filhos da *Chingada*, que quer dizer da “Mãe violada”. Nesse sentido, a questão da origem projeta-se para o mexicano como o centro de sua ansiedade e angústia. O mexicano nega o seu passado e sua origem, e, com isso, surge o sentimento de solidão e orfandade:

O mexicano não quer ser índio nem espanhol. Também não quer descender deles. Nega os dois. E não se afirma como mestiço, mas como abstração: é um homem. Torna-se filho do nada. Começa em

si mesmo (*Ibid.*, p.86).

Desse modo, a concepção da identidade latino-americana perpassa um sentido constante de interrogação sobre a consciência de si mesmo. E para expressar a condição do mexicano no mundo, Octavio Paz utiliza-se da ideia de “labirinto”, tendo sido uma maneira pela qual o autor em vez de determinar uma concepção da referida identidade buscou descrever a sua forma singular de estar no mundo, visto pelos sentimentos contraditórios, conduzindo a uma reflexão crítica e permanente. A base da sua reflexão repousa sobre o entendimento do poeta a respeito da condição humana, visto que o homem é o único ser que questiona sobre si mesmo, tornando-os, ao mesmo tempo, sujeito e objeto de reflexão.

As obras de Manoel Bonfim e de Octávio Paz trouxeram interpretações inovadoras desde o ponto de vista periférico, relativo às indagações sobre os aspectos fundantes do caráter desses povos. Os dois autores fizeram uma releitura sobre o passado, visando questionar as noções de identidade latino-americana definidas sobre bases subjugadas.

3. O aspecto da singularidade

Os nacionalismos latino-americanos se constituíram de forma singular em relação às experiências da Europa Ocidental. No sentido da narrativa de uma história e cultura própria e original, que não seria possível nesse contexto. Haja vista, que esse discurso “puro” sobre as nações europeias é simbólico e mítico (Ramos, 1951; Hall, 1999). Mas, voltando-se ao caso latino-americano, Samuel Ramos (1951) tem razão quando faz a seguinte reflexão sobre o México:

Carecería de fundamento suponer en México, ya no la existencia, sino aun la mera posibilidad de una cultura de primera mano, es decir, original, porque sería biológicamente imposible hacer tabla rasa de la constitución mental que nos ha legado la historia. No nos tocó venir al mundo aislados de civilización que, sin ser obra nuestra, se nos impuso, no por azar, sino por tener con ella una filiación espiritual. En consecuencia, es forzoso admitir que la única cultura posible entre nosotros tiene que ser derivada” (Ramos, 1951. p. 20).

Nessa citação, destacamos o aspecto de que a única cultura possível para os

mexicanos seria derivada da cultura europeia, este ponto é relevante para entender o processo histórico e cultural que culmina no enraizado sentimento de inferioridade. Mais adiante Ramos (1951) afirmou que o pós-independência dos países latino-americanos não esvaziou o deslumbramento pela cultura e civilização européia, o que gera uma constituição mental caracterizada pela autodegradação e uma tendência à imitação da cultura estrangeira.

Esse fenômeno do mimetismo e do sentimento de inferioridade, característicos das sociedades latino-americanas, tem razões históricas, segundo afirma Ramos (1951). Tal concepção aliada ao conceito de *colonialidade do poder* também é útil para tratar dessa questão, que significa, nas palavras de Quijano (2005):

A colonialidade é um dos elementos básicos constitutivos e específicos do padrão mundial do poder capitalista. Sustenta-se na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo com pedra angular do referido padrão de poder e opera em cada um dos planos, meios e dimensões, materiais e subjetivos, da existência social quotidiana e da escala societal. Origina-se e mundializa-se a partir da América (Quijano, 2005, p. 84).

A análise sobre o aspecto da herança colonial nas obras de Manoel Bomfim e Octavio Paz representa, em uma dimensão geral, a imagem de uma América Latina pensada a partir dos esquemas de “males de origem” e da imagem de “labirinto” - respectivamente em referência aos autores supracitados. Nesse sentido, pudemos interpretar que a *colonialidade do poder* aparece em ambos os casos, quando os autores enfatizam os processos consequentes da colonização européia e, particularmente, em Octavio Paz, os efeitos do imperialismo norte-americano.

Em Manoel Bomfim, a explicação do atraso das sociedades latino-americanas tinha razões históricas subsequentes do *parasitismo social*, que traduziu o sistema colonial - basicamente descreve a relação de exploração e opressão do parasita (colonizador) sobre o parasitado (colonizado). O problema observado pelo autor é de que o efeito geral do *sistema parasitário* se reproduziu sobre as novas nacionalidades sul-americanas devido ao aspecto da hereditariedade, da educação e da reação; configurando uma realidade instável e contraditória. Isso ocorre pelos seguintes motivos:

O fato de que o organismo parasitado deriva diretamente do parasita e é por ele educado, dá a essa influencia um aspecto completo e contraditório: o novo organismo nacional procura, ao mesmo tempo, imitar e repelir as instituições e o regime da metrópole (Bomfim, 2005, p.172).

O propósito de Manoel Bomfim foi reportar a uma análise histórico-social que possibilitou o autor constituir outra compreensão dessas sociedades contrapondo-se à perspectiva dominante, que condicionava a interpretação do povo latino-americano como sendo essencialmente inferiores devido à composição étnica desses países. Desse modo, o pensamento de Manoel Bomfim estruturou uma análise centrada na diferença colonial na medida em que questionou os paradigmas de conhecimento de conotação moderna e científica da época, sobre o registro da Teoria da Desigualdade Racial.

A questão racial é o aporte prioritário da crítica atrelada perspectiva da colonialidade – o argumento central é de que o processo classificatório dos povos extra-europeus como sendo essencialmente inferiores corresponde a “pedra angular” do *sistema-mundo moderno/colonial* que se expandiu a nível global, a partir da América. Com base nesse referencial teórico, propomos a leitura da seguinte passagem do texto de Manoel Bomfim:

As alegações pseudocientíficas com que se queria provar uma pretensa inferioridade étnica são tão insubsistentes que nem encobrem a natureza dos sentimentos onde se inspiram os célebres sociólogos e os cientistas inventores das raças nobres. E quanto à história? Haverá, aí, elementos que autorizem esses juízes sobre a incapacidade para a civilização? Dar-se-á que as leis gerais do progresso impliquem a nossa condenação? (*Ibid.*, p.327).

Além de questionar a teoria racial, Manoel Bomfim também criticou o sentido evolutivo linear dado à história, em referência a ideologia positivista desenvolvida pelo sociólogo Augusto Comte (1798-1857) que aborda as sociedades segundo a lógica dos estágios históricos hierarquizados. O autor relacionou o *parasitismo social* como sendo criada pelas sociedades civilizadas, ou seja, poderíamos dizer que ele apresenta aquele que seria a outra face da modernidade: o *parasitismo social*.

É que a decadência e degradação têm como causa um fator que surge com o próprio progresso da civilização – é parasitismo, sempre e por toda a parte o parasitismo, causa das causas, causa primeira, resumindo a historia de todas as decadências em que vão desaparecendo os povos e as civilizações (*Ibid.*, p.327).

O autor prossegue a sua análise sobre os efeitos do parasitismo social com base na relação entre o dominante e o dominado, na qual o primeiro apropria-se de todas as funções sociais, menos a do trabalho material, que é exercido pelas camadas sociais inferiorizadas mediante a exploração de sua mão-de-obra. A classe dominante monopoliza os encargos oficiais, a riqueza e o saber, estabelecendo uma opressão absoluta que gera a degradação ampla da sociedade, afetando a sua possibilidade de progresso. É importante ressaltar que a visão bomfiniana de progresso está associada à própria vida, no sentido que para ele “viver é progredir”, no âmbito do espírito, da justiça e da bondade, mais do que a simples medida numérica feita. Manoel Bomfim foi crítico as análises feitas por sociólogos e políticos de então, os quais enfatizavam apenas as riquezas materiais de uma dada nação como justificação de uma ordem de poder. Contrário a essa visão, Manoel Bomfim defendeu que no âmbito da sociedade a “massa popular” representa a garantia de progresso.

Então, a respeito da crítica dele à classificação racial dos povos latino-americanos como sendo essencialmente inferiores, significou empreender um pensamento em prol da desestabilização de um dos aportes ideológicos fundamentais da Modernidade/Colonialidade, que é o da civilização versus a barbárie.

Para Mignolo (2005) tal oposição entre essas duas categorias são apresentadas como se fossem de ordem ontológica, e através do conceito de *diferença colonial* é possível compreender como elas se desenvolveram historicamente como desdobramento da “ideologia colonial/moderna”. Além disso, Mignolo (2005) também argumentou que os paradigmas da modernidade e colonialidade devem ser refletidos criticamente através de uma análise *heterogênea histórico-estrutural*, na qual é possível acentuar o “paradigma da coexistência” como uma forma de desmonte do modelo evolutivo da história moderna ocidental.

Em certa medida, o pensamento bomfiniano adotou a perspectiva centrada na colonialidade sobre a qual as sociedades latino-americanas surgiram em meio ao *sistema parasitário* como sendo a expressão da *ferida colonial*. Para Manoel Bomfim, o “mundo civilizado” se afirma da seguinte maneira à experiência dos

povos da América Latina:

[...] esse passado horrendo e tenaz que nos persegue não fomos nós que o preparamos; somos antes as vítimas. [...] É triste, é vergonhoso, quase, que, após 400 anos de existência, ao fim de um século de vida autônoma, a civilização não seja para os americanos do Sul mais que um fardo a esmagá-lo, fonte de dores e de lutas sangrentas; e que o progresso não passe de aspiração mal definida, grito pomposo na retórica estafada (Bomfim, 2005, p. 359).

Sobre essa questão, vale lembrar o que argumentou Dussel (2005) quanto ao projeto de libertação pela *Trans-Modernidade*: “A realização seria agora a passagem transcendente, na qual a Modernidade e sua Alteridade negada (às vítimas) se co-realizariam por mútua fecundidade criadora” (Dussel, 2005, p.66).

É interessante observar que Manoel Bomfim analisou sobre as nações latino-americanas no aspecto da sua entrada na modernidade, a partir da independência, mas carregando consigo a “má herança” do sistema colonial, de que foram vítimas. Sobre esse ponto, a teoria decolonial oferece outra interpretação sobre o início da modernidade, mas, ainda assim, consideramos que os conceitos de *colonialidade do poder* e o da *diferença colonial* nos ajudaram a perceber que Manoel Bomfim preocupou-se em demonstrar que as diferenças entre as nações, no plano internacional, não se restringia aos elementos da cultura ou do desenvolvimento econômico, mas também considerou como fundamental o passado colonial como explicação daquela realidade que foi contemporâneo.

Nesse sentido, Manoel Bomfim criticou a aparente impessoalidade da política internacional, no sentido de proferir um discurso pseudocientífico que sentenciava as nações latino-americanas como incapazes de autogovernarem-se. Observou tratar-se de propósitos escusos de investir em um processo de neocolonização na região, similar ao que estava ocorrendo na Índia, dentre outros países vítimas da ascensão do imperialismo europeu e norte-americano. Sobre este último país, o autor observou que era uma questão de tempo para que se investissem no domínio sobre os países vizinhos.

Além do mais, Manoel Bomfim acreditava que o desconhecimento geral sobre as condições históricas e da atualidade de então, em relação às novas nações latino-americanas, contribuía para reforçar os desejos expansionistas e imperialistas das “grandes nações”. Sobre este ponto, compreendemos que o “desconhecimento” é produto do discurso moderno hegemônico sobre a

alteridade, ocultando outras formas e possibilidades de organização social mediante ao discurso da “inferiorização” ou do “atraso”. O interessante é observar que análise relacional bomfiniana entre as classes opostas do dominante e do dominando é vista como sendo um produto da civilização moderna ocidental, e gera um ciclo de mutua degradação, gerando constantes conflitos e guerras internacionais.

Daí o autor aponta para um dos traços singulares dos povos latino-americanos: A resistência:

Fracas, desorganizadas, pobres, elas não lutarão por muito tempo; mas é esta fraqueza, mesmo, esse estado de desorganização e atraso, que lhes permitirá resistirem longamente, e bravamente, à conquista e ao domínio ou influência política, mais ou menos disfarçada, do estrangeiro. Gentes incultas, afeitadas às lutas cruentas, amando-as; resistentes, destemidas, bravas até à ferocidade, quase insensíveis à dor – tal é o grau de selvageria em que ainda se acham, desabitadas de todo o conforto, vivendo ao acaso, despreocupadas do futuro, estas populações passarão a viver na guerra permanente, sem que isto lhe traga nenhum gravame especial (*Ibid.*, p.316-317).

Ademais, Manoel Bomfim acrescentou que tais resistências serão, por um lado, *fatais*, por conta do caráter herdado dos povos latinos, especialmente de origem ibérica, e de outro, serão *facílima* devido ao caráter das massas populares, formadas por índios, negros e mestiços, cuja condição de vida dá-se pela perpetuação da luta diante da opressão. Essa última abordagem tomou como referência a resistência dos povos do Paraguai, país composto por uma maioria indígena e mestiça, que lutaram bravamente, sem cessar, diante da truculência e violência de três nações sul-americanas e financiadas pela Grã-Bretanha.

Além do mais, Manoel Bomfim ressaltou outro aspecto de singularidade da identidade latino-americana a partir do potencial para a integralidade como resguardo e defesa diante das ameaças externas:

[...] há entre estas nacionalidades sul-americanas uma certa homogeneidade de sentimentos, ou que, pelo menos, não existe nenhuma incompatibilidade de raça ou de tradições, que as impeça de se unirem e se acordarem para a resistência (*Ibid.*, 2005, p.318).

Sobre esse ponto, é preciso comentar que Manoel Bomfim não alegou homogeneidade cultural entre as nações da região, mas, antes, afinidades quanto

ao aspecto histórico, à composição étnica e às condições sociais e políticas no âmbito das relações internacionais. Nesse sentido, tal aspecto da afetividade foi visto por ele como uma possibilidade de constituir sentidos e meios de integralidade em prol de interesses compartilhados entre esses países, fazendo-nos recordar sobre os elementos da *comunidade imaginada* trabalhados por Anderson (2005), quanto à sua ênfase dada ao âmbito da estrutura emocional e mental geradas pela “consciência nacional”, que, nesse caso, estende-se ao âmbito continental.

Sobre o assunto, também ressaltamos que o discurso sobre a integralidade latino- americana permeia um sentido identitário, ou seja, compartilham-se elementos associativos entre as sociedades da região. Ainda assim, Manoel Bomfim estava preocupado com o fato dessas nacionalidades ainda não terem tomado formas próprias, devido aos efeitos de “mutilação” e “distorção” provocados pelo sistema do *parasitismo social*.

As nacionalidades estão, ainda, quase informes, mal se distinguem; mas são realidades, são coisas que existem. [...] Basta que lhes lembrem a “liberdade perdida”, e lhes falem da situação de “subordinados e oprimidos” a que serão reduzidos... ¹²(Bomfim, 2005, p.318).

Apesar de Manoel Bomfim defender a importância da resistência e da defesa das nações da América Latina, não perdeu de vista o ideal humanitário sobressalente em toda a sua análise.

Desse modo, concluímos que o sentido de nacionalidade bomfiniana é um recurso pela autoafirmação dos povos latino-americanos, mediante aos valores da liberdade e humanidade, além de acrescer aos aspectos das qualidades do caráter desses povos, referindo-se “a indivíduos que por sentimento e origem se prendem efetivamente a estas nacionalidades” (*Ibid.*, p.324). A ideia de nação para ele está associada a “massa popular que representa a garantia, o futuro e o progresso das nacionalidades” (*Ibid.*, p.335).

O futuro é o depositário da esperança de romper com as iniquidades e injustiças procedidas da relação entre “dominantes e dominados”. As camadas “inferiores” desse sistema social são “os que asseguram a vida à nação, garantindo

¹² Aqui, o autor faz referência ao caso de ser efetivado o avanço e domínio estrangeiro sobre as nações latino-americanas.

seu progresso contra o conservantismo essencial dos parasitas [...]” (*Ibid.*, p.335). Nesse sentido, interpretamos que Manoel Bomfim buscou evidenciar o caráter de singularidade como sendo o elemento de diferenciação da “massa popular”, vista por ele como a única capaz de romper com os laços do sistema conservador engendrado pelas elites dirigentes.

Expliquemos: aqui, a singularidade latino-americana só pode ser pensada a partir do processo de invenção da entidade histórico-geográfica e racial de América Latina, mediante a conquista, a colonização, a independência e o imperialismo. Tal esquema serve para a interpretação de ambas as obras, de Manoel Bomfim e Octavio Paz. Mas, ainda em relação ao primeiro, o autor propôs o estudo dos “Elementos essenciais do caráter” das sociedades sul-americanas, e também sobre os “Efeitos especiais do parasitismo” sobre as colônias.

Manoel Bomfim enfatizou a escravidão de índios e negros como a máquina última do “sistema parasitário”, implantado pela metrópole nas colônias, com o apoio da organização de aparelhos internos que serviam para legitimar e garantir a efetivação da exploração da mão-de-obra escrava e a espoliação dos recursos naturais e minerais da região, estes são: a Igreja e o Estado.

Nesse contexto, o autor destacou a presença dos índios, negros e do “novo elemento americano”, o mestiço, para explicar a formação do “caráter” das sociedades latino-americanas – enfatizando o “amor pela liberdade” dos índios e uma espécie de “docilidades afetiva” dos negros, além da aliança que foi constituída entre eles, muitas vezes, como tendo sido um recurso para empreender a luta contra a opressão atroz da qual eles eram submetidos; é daí que cresceu o sentimento de ódio e ressentimento arraigado desses povos contra os “tiranizadores”, o que lhes garantia a resistência.

Assim, o autor segue afirmando que “os efeitos sobre o parasitismo das metrópoles sobre o caráter e a história das nacionalidades sul-americanas” concorrem com outros elementos, “a influência das outras raças – indígenas e africanas, e os efeitos de cruzamento” (*ibid.*, p.257). Para ele, a mestiçagem e a herança ibérica constituíram os elementos mais determinantes sobre as “qualidades distintas” das novas populações, enquanto que a influência dos índios e negros se deu em menor grau.

Em relação o traço “hereditário” da península transmitida para as novas nações, o autor destacar o caráter de “plasticidade intelectual” a “sociabilidade” a “assimilação” dos povos, pelo “cruzamento”. No segundo grupo, destacou o caráter de “receptibilidade’ moral”, percebido pelo autor como uma influencia *renovadora*, que ao se misturar com os outros traços herdados, gerou uma sociedade ainda mais apta ao progresso. Aqui, reportamos um fragmento de seu texto que enfatizou a própria historicidade de sua obra, no sentido do autor reproduzir as acepções sobre a existência de sociedades primitivas em oposição às ditas cultas e civilizadas: [Índios e negros] “são gentes infantis, que não possuem irredutíveis qualidades de caráter, e resistem menos ao influxo de idéias novas que as populações cultas, sobre as quais pesam tradições históricas especiais e uma civilização determinada” (*Ibid.*, p.261).

Manoel Bomfim compreendeu o movimento da formação do caráter das novas sociedades a partir dos mecanismos que ele denominou de “hereditariedade” e “imitação” dos grupos sociais acima citados, sendo, o mestiço, o “elemento” próprio dessas sociedades. Sobre esse ponto, lembramos que a sua defesa sobre a educação é demonstrativo que a sua visão sobre as sociedades e indivíduos não se limitam aos mecanismos “herança” social e do mimetismo, pois a essência de sua análise foi afirmar sobre as possibilidades de transformação social e efetivação do progresso.

Desse modo, concluímos que o caráter dos povos latino-americanos, ou o que estamos chamando de singularidade, é interpretado pelo autor diante dos elementos interculturais, mas também pelo fato histórico decisivo da colonização e do regime do *parasitismo social*. Sendo assim, a sua interpretação sobre a singularidade entendemos que está inscrita na própria *diferença colonial*.

Para Octavio Paz, a identidade latino-americana também significou uma busca sobre os elementos explicativos da condição do povo latino-americano questionado desde dentro. E, deste modo, opondo-se às interpretações gerais acachapantes em termos de modelos econômicos e históricos.

Os dois autores refletem sobre a singularidade latino-americana como uma tentativa de maior aproximação da originalidade desses povos, e por outro lado, enfatizaram o europeu e o norte-americano, pelos quais se está inevitavelmente

associado. Observamos então que os autores recorrem a uma análise que busca apontar para uma saída epistemológica dos caminhos possíveis sobre o caráter da liberdade e autonomia desses povos.

O personagem central que expressa o extremo a que se pode chegar o ser mexicano é a figura do *pachuco* cuja representação alude à condição diaspórica levando a própria reformulação do sentido de identidade expresso por uma concepção “fixa”, pois o *pachuco* caracteriza-se pela influência multifacetada de referências culturais, oriundas de contextos dispares. Como por exemplo, podem-se destacar as vestimentas excêntricas desse grupo:

Tal rebeldia não passa de um gesto vazio, pois é um exagero entre os quais pretende rebelar-se e não uma volta aos atavios dos antepassados – ou uma invenção de novas roupagens. De modo geral, os excêntricos enfatizam com sua roupa a decisão de afastar-se da sociedade, seja para constituir grupos novos e mais fechados, seja para afirmar a própria singularidade (Paz, 2014, p. 18).

A imagem do *pachuco* é definida por um grupo que esta no extremo da inferiorização da hierarquia social que revela uma imagem contraditória e enigmática. Para Santiago (2006) a figura do *pachuco* descrita por Paz assemelha-se ao importante romance da revolução mexicana *Los de abajo* (1915) de Mariano Azuela, que configura uma análise precursora das teorias pós-coloniais pelo fato de partirem da “figura do subalterno como o personagem nobre da latino-americanidade e o testimonio como a forma literária que convinha a representação do seu drama” (p.28).

Ademais o *pachuco* também referencia a imagem do “não ser” que revela o movimento contraditório entre a solidão e o desafio descrito da seguinte maneira: “Nega a sociedade de onde vem e a norte-americana. O *pachuco* se lança para fora, mas não para fundir-se com o que o cerca, e sim para desafiá-lo. Gesto suicida, pois o *pachuco* não afirma nada, não defende nada, exceto seu desejo exasperado de não ser” (Paz, 2014, p. 19-20).

A imagem construída pelo autor a partir do *pachuco* é a demonstração da condição de um grupo social que não encontra os meios para definir sua identidade sobre bases autênticas e, relativamente, sólidas. Isso traduziria a experiência latino-americana, cuja busca pela identidade revela a dificuldade de refletir-se e integrar-se aos modelos externos difundidos pelos processos da modernidade; e

ao mesmo tempo, esses próprios modelos atuam na distorção, na impossibilidade de “ser”.

Mais do que uma referência sobre um suposto sentimento de inferioridade Octavio Paz enxerga na solidão a expressão mais autêntica do ser mexicano que serve como base para compreensão universal da condição humana. A saída dessa solidão é referenciada pela imagem do *labirinto* que alude a uma estrutura cujos caminhos são múltiplos e, desse modo, à ideia de centro é refletida, para ser também negada na sua dimensão “norteadora”, a qual é imposta pelo discurso da modernidade ocidental.

Não fomos somente expulsos do centro do mundo e condenado a procura-lo entre selva e desertos ou pelos meandros e subterrâneos do labirinto. Houve um tempo em que o tempo não era sucessão e passagem, mas fluir contínuo de um presente fixo, no qual estavam contidos todos os tempos o passado e o futuro (*Ibid.*, p.201).

É preciso dizer que Octavio Paz (2014) preocupou-se em realizar uma crítica à confiança da razão como único recurso de guia para a condução da humanidade. “O homem tem a pretensão de pensar acordado. Mas esse pensamento desperto nos levou pelos corredores de um pesadelo sinuoso, onde os espelhos da razão multiplicam as câmaras de tortura” (p.250).

Octavio Paz e Manoel Bomfim quando discutem a identidade latino-americana relativizam a categoria de Estado-nacional e o papel da elite dominante como o principal vetor para inscrição da referida identidade. E dessa perspectiva há uma consonância com a crítica decolonial em questionar os aportes epistemológicos de apreensão do ser que são a identidade mediante as classificações dos povos, surgidas desde a oposição de civilização *versus* natureza.

4. Considerações finais

Manoel Bomfim concebeu a perspectiva do nacionalismo e do progresso no âmbito do direito de todos os povos traçarem os próprios destinos assegurando a condição de soberania e autonomia sem, contudo desembocar para padrões de comportamento internacionais agressivos e bélicos que fossem de encontro ao

bem social da humanidade como um todo. Do mesmo modo, Octavio Paz construiu a narrativa sobre a ocupação do México pelos colonizadores apontando para três sentidos de tempo e espaço que estiveram presentes nesse processo em vez de adotar a perspectiva da história oficial como expressão do ser mexicano, meditando sobre os âmbitos da contradição, ambiguidades, solidão, desafio, máscara, e outros, foi uma forma que o autor pode dar conta de outros elementos, outras experiências possíveis, que foram silenciadas, mas fazem-se presentes.

Quanto ao aspecto da identidade subjugada entendemos que é demonstrativo do percurso de constituição da ideia de América Latina como localizada geohistoricamente na periferia do ocidente. As categorias de herança colonial, suposto sentimento de inferioridade e mestiçagem só fazem sentido mediante aos sistemas classificatórios que foram construídos no processo de civilização ocidental. Então, como vimos a perspectiva da colonialidade/modernidade provocou silenciamento de outras formas de vida e a ideia de ocidentalismo é justamente o seu *locus* de enunciação e justificação.

Nesse sentido podemos entender que a ambiguidade pela qual se inscreve as noções sobre identidade latino-americana tem por marco o referencial ocidental que inclui o lugar da América Latina, mas reservado a condições inferiorizadas. Daí o espaço fronteiro demarca a experiência latino-americana, mais precisamente de sua identidade que perpassa por uma constante interrogação existencial.

A partir de uma análise de estrutura ensaística, Manoel Bomfim e Octavio Paz enfatizaram as formas de existência que descrevem o “ser latino-americano” compreendido à luz dos próprios espaços de significação nacional dos quais se originam.

É interessante observar que Manoel Bomfim, em certa medida, reverteu a lógica que inscrevi os índios, os negros e os mestiços como sendo de caráter duvidoso, inferior e perverso. Em vez de reproduzir esse pensamento, o autor enfatizou as atrocidades da escravidão de índios e negros, a qual considerou ser a pedra angular da economia e ideologia do empreendimento colonial.

Ademais, o autor ao defender o direito a soberania das nações compreende desde o pensamento anticolonial, no seguinte sentido: “...é preciso compreender que a nação que nos agredir, não vem com o intuito humanitário de nos trazer o

bem, a civilização e a paz”. Além do mais, ele fez a seguinte ênfase: “Todos os povos ocidentais participam dessas atrocidades”.

Ao negar a teoria das raças e sugerir uma interpretação sobre a realidade desfavorável de latino-américa como resultado da colonização, abrangeu a visão da experiência latino-americana de forma crítica, ao assinalar a sua lógica sobredeterminada pela relação entre classes dominantes e as dominadas – representada pelo seu conceito de *parasitismo social*. Em relação ao uso desse termo, argumentamos que o recurso à linguagem biológica revela a historicidade da expressão, mas, o que nos interessou enfatizar foi o conteúdo inovador da análise contida nesse conceito. Assim, concluímos que Manoel Bomfim elaborou um pensamento que aponta para as possibilidades de transformação social, afirmando sobre o direito dos povos de serem condutores de seus próprios destinos.

A concepção da identidade latino-americana para Octavio Paz significa um processo continuado de interrogação sobre a consciência de si mesmo. E para expressar essa ideia o autor remete ao sentido do “labirinto”, como uma forma de não determinar uma concepção restrita sobre a referida identidade. Desse modo, a sua interpretação descreve a experiência singular de estar no mundo, visto pelos sentimentos contraditórios, conduzindo a uma reflexão crítica e permanente. A sua reflexão ascende o caráter do mexicano para refletir sobre a experiência singular da modernidade.

Os autores reportam a noção de singularidade da identidade latino-americana como reflexão sobre os elementos que evidenciam uma aproximação a realidade desses povos, como uma alternativa epistemológica de saída dos modelos impostos ideologia ocidental. Em outras palavras, o referente ocidental é ambíguo, no sentido que se associa a identidade latino-americana, para, então, condicioná-la à imagem periférica da modernidade.

Os resultados obtidos nessa pesquisa respondem às questões que foram adotadas como leituras para análise das obras. O intuito foi contribuir com a desmistificação dos discursos de identidade latino-americana sobredeterminada pela lógica da modernidade hegemônica.

Referências bibliográficas

AGUIAR, Ronaldo Conde (2000) *O rebelde esquecido – tempo, vida e obra de Manoel Bomfim*. Rio de Janeiro: Topbooks.

ALBUQUERQUE, Mariana. (2017). Identidade latino-americana nas concepções de Manoel Bomfim e Octavio Paz: uma análise à luz do pensamento decolonial. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Recife.

ANDERSON, Benedict. (2015). Tradução de Denise Bottman. *Comunidades Imaginadas*. São Paulo: Companhia das letras.

BALLESTRIN, Luciana. (2013). *América Latina e o giro decolonial*. Rev. Bras. Ciênc. Polít., Brasília, n. 11, p. 89-117, Aug.

BOMFIM, Manoel. (2005). *A América Latina – Males de origem*. Rio de Janeiro: Topbooks.

CANDIDO, Antonio. (1990). *Radicalismos*. Estud. av., São Paulo, v. 4, n. 8, p. 4-18, Apr.

DUSSEL, Enrique. (2005). Traduzido por Júlio César Cesarin Barroso Silva - “Europa, Modernidade e eurocêntrico” In LANDER, Edgardo (org.) *A colonialidade do saber – Eurocentrismo e ciências sociais perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO.

HALL, Stuart. (2015). Tradução de Tomaz Tadeu da Silva & Guaciara Lopes Louro. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Ed. 12. Rio de Janeiro: Lamparina.

MARTINS, Paulo Henrique. (2014). *O ensaio sobre o dom de Marcel Mauss: um texto pioneiro da crítica decolonial*. Ed. Sociologias, Porto Alegre, ano 16, nº 36, mai/ago, p. 22- 41.

MIGNOLO, Walter D. (2005). Traduzido por Júlio César Cesarin Barroso Silva - “A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade” In LANDER, Edgardo (org.) *A colonialidade do saber – Eurocentrismo e ciências sociais perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO,.

MIGNOLO, Walter. (2005). *La ideia de américa latina. La herida colonial e la opcion decolonial*. Editora gedisa, S.A. espanha.

MIGNOLO, Walter. (2003). Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. *Histórias locais/ projetos globais. Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo horizonte, editora YFMG.

MUDIMBE. (2013). *A invenção de África. Gnose, filosofia e a ordem do conhecimento*. Edições pedago, Portugal.

PAZ, Octávio. (2014). Tradução de Ari Roitman & Paulina Wacht. *O labirinto da solidão*. São Paulo: Cosac Naify.

QUIJANO, Aníbal. (2005). Traduzido por Júlio César Cesarin Barroso Silva - "Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina" In LANDER, Edgardo (org.) *A colonialidade do saber – Eurocentrismo e ciências sociais perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO.

REZENDE, Antonio Paulo. (2000). *Octavio Paz: as trilhas do labirinto*. Revista Brasileira de História. São Paulo, v.20, nº39, p223-248.

RIBEIRO, Darcy. (2005). "Manoel Bomfim, antropólogo" In BOMFIM, Manoel. *América Latina: males de origem*. Rio de Janeiro: Topbooks.

RIBEIRO, Darcy. (1979). *O dilema da América*. 2 ed. Petrópolis: Editora Vozes Ltda.

SANTIAGO, Silvino. (2006). *As raízes e o labirinto da América Latina*. Rio de Janeiro: Rocco.